ANNO DE 1840. QUARTA FEIRA 22 DE ABRIL. NUMERO 89.

Tudo agora depende de nós mesmos; da nossa prudencia, moderação, a energia: continuemos como principiamos e seremos apontados com admiração entre as Nações mas cultas.

Proclamação da Assemblea Geral do Brazil.

Subscreve-se para esta folha a 3$000 por quartel pagos adiantados nesta Typografia, rua das Cruzes D. 3, e na Praça da Independencia ns. 37 e 38, onde se recebem correspondencias legalisadas, e annuncios, insirindo-se estes gratis, sendo dos proprios assignantes, e vindos assignados.

Partidas dos Correios Terrestres.

Cidade da Parahiba e Villas de sua pretenção.	Segundas e Sextas Feiras.
Dita do Rio Grande do Norte, e Villas Idem.	Segundas e Sextas Feiras.
Dita da Fortaleza e Villas Idem.	Segundas e Sextas Feiras.
Villa de Goianna.	Segundas e Sextas Feiras.
Cidade de Olinda	Segundas e Sextas Feiras.
Villa de S. Antão	Todos os dias.
Dita de Garanhuns e Povoação do Bonito	Quintas feiras.
Ditas do Cabo, Serinhaem, Rio Formozo, e Porto Calvo	Dias 10, e 24 de cada mez.
Cidade das Alagoas, e Villa de Maceió	Idem 1 11, e 21 dito dito.
Villa de Pajaú de Flores	Idem Idem
Todos os Correios partem ao meio dia.	Idem 13, dito dito.

CAMBIOS.--ABRIL 13.

Londres...... 31 d. por 1$000 ced.
Lisboa ...... 70 a 75 por o/o premio, por metal offerecido.
França...... 295 reis por franco.
Rio de Janeiro ao par.

OURO —	Moedas de 6$400 rs, Velhas	14$500 a	14$700
„	Ditas „ „ Novas	14$300 a	14$600
„	Ditas de 4$000 rs.,	8$100 a	8$300
PRATA ---	Patacões Brazileiros	1$630 a	1$640
„	Pezos Columnarios	1$640 a	1$680
„	Ditos Mexicanos	1$600 a	1$690
„	Miuda	1$440 a	1$460

Desconto de Bilhetes d'Afandega 1 1/2 por 100 ao mez.
Idem de Letras 1 1/2 „ „ firme.
Moeda de cobre 3 a 4 por 100. de disc.

Dias da Semana.

20	Segunda	✱ 1. Out. S. Acendino M.	
21	Terça	✱ 2. Out. S. Anselmo. Arc.	
22	Quart.	S. Soter e Caio Mm.	Sessão da Thez.
23	Quinta	S. Jorge M.	Relação, e aud. do J. de D. da 2. v.
24	Sexta	S. Honorio B.	Ses. da Thez. e aud. do J. de D. da 1. v.
25	Sabbado	S. Marcos Evang.	Rel. e aud. do J. de D. da 3. v.
26	Dom.	da Pascoella Fugida de S. N.	

Mare cheia para o dia 21 de Abril.

As 8 horas e 30 minutos da tarde — As 8 horas e 54 minutos da manhã.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

PERNAMBUCO.

Diversas Repartiçoens

MEZA DO CONSULADO.

--A Pauta he a mesma do N. 87.

PREFEITURA.

Parte do dia 17 do corrente.

Illm. e Exm. Snr.--Partecipo a V. Exc., que das partes hoje recebidas, consta não ter occorrido novidade.

Dia 18.

Illm. e Exm. Snr.--Das partes hoje recebidas, consta somente que forão prezos hontem a minha ordem, e tiverão hoje destino: Maria Cezar, parda escura, por um soldado de Guarda Nacional, por profferir pelas ruas palavras obscenas; e Matheos, preto escravo de Manoel Gonçalves, por outro soldado do Corpo de Policia, por estar forçando a uma mulher.

CAMARA MUNICIPAL DA CIDADE DO RECIFE.

Sessão extraordinaria de 23 de Março de 1840.

Presidencia do Snr. Barros.

Comparecerão os Snrs Souza, Pessoa, Oliveira, e Vianna; faltando com cauza os mais Senhores.

Aberta á Sessão, e lida á Acta da antecedente foi approvada.

O Secretario dando conta do expediente mencionou os seguintes officios do Tenente Coronel de Engenheiros Moraes Ancora.

Um partecipando, que só no dia 27 do corrente poderia assistir á vistoria, que esta Camara tinha de proceder na casa de Joaquim Candido Gomes na rua Nova, por dever estar nos dias antecedentes occupado no levantamento de uma planta fora da Cidade: inteirada.

Outro partecipando não poder no dia 27 do corrente assistir á vistoria, q se tem de faser na casa de Joaquim Candido Gomes; por isso que occorrendo circunstancias, q' o forçarão a não ir ao serviço que tinha fóra da Cidade hoje, nem á manhãa; e seguindo-se dia Santo, não lhe era possivel no resto de semana comparecer nesta Cidade, por destina-lo á ultimação do indicado servico; e que assim esta Camara houvesse de designar um dia da proxima vindoura semana, em que devia ter lugar á dita vistoria: inteirada.

Outro remettendo por escripto á opinião, que perante á Camara emittio na Sessão ordinaria de 10 do corrente; em virtude da qual á mesma Camara tomou uma resolução, á cerca da cordeação da frente, que olha para o beco da Camboa do Carmo, da casa que João Chardon esta edificando na rua Nova: inteirada.

Despacharão-se alguns requerimentos. E por ser dada á hora levantou-se á Sessão, e mandarão fazer a presente em que assignarão E eu Fulgencio Infante de Albuquerque e Mello, Secretario a escrevi Barros, Pro-Presidente. Souza, Pessoa, Oliveira, Vianna. Está conforme.

Fulgencio Infante d'Albuquerque e Mello, Secretario.

REVISTA MERCANTIL.

Cambio – As poucas transacções que houverão no dicurso da semana forão feitas a 31 3¼ d.

Algodão – Ha compradores a 6400 rs. porem poucas vendas effectuadas.

Assucar – Hoverão poucas tranzacções no dicurso da semana e por isso continua ao preço cotado.

Couros – A 125 rs; poucas vendas

Chegou hum carregamento de Bacalhão que ainda não foi vendido.

NOVELLA.

SOPHIA CREBILLON.

I

No fim do anno de 1749, celebra-se huma festa, em certa casa da rua de Cassete, em Paris. Crebillon filho celebrava com alguns amigos, a quem havia convidado a jantar, o triumpho que acabava de obter seu pai, depois de hum silencio de 23 annos, com sua tragedia Catilina.

Crébillon filho, que tão celebre tornou-se por suas producções licenciosas, era homem de puros e honrados costumes. Casou-se sendo ainda muito moço; e enviuvando, e achando-se com huma filha unica a quem idolatrava, metteo-a em hum convento como educanda. Acabava de tira-la na epoca em que comeca nossa narração.

Achavão-se com elle seus intimos e constantes amigos, Collet, Panard e Gallet, todos tres poetas jocosos, a quem tinha convidado para festejar seu pai. Pouco depois chegou o velho Cébellon ainda forte, posto que com 73 annos de idade.

Depois de apertar a mão aos convidados e a seu filho, perguntou a este se podia fumar por tal era a paixão favorita e o mais agradavel passatempo do poeta ancião.

– Hoje não; respondeo o filho, a quem chamaremos Claudio, para o defferençar do pai

– Então, porque? replicou o velho, para que me convidaste? Neste caso vim enganado.

– Tem razão, meu pai; porem, tenho huma recompensa a dar-lhe

– A companhia de minha filha, de minha Sophia, a quem permitti, em honra de meu pai, vir jantar comnosco. Com a condição, porem, Snrs. (disse dirigindo-se aos amigos), que não cantareis em quanto ella se não tiver retirado para seu quarto

– Está dito, responderão os tres.

– Comtudo, Claudio, replicou Crébillon, melhor houveras feito em tel-a deixado no convento No mesmo instante apresentou-se Sophia. Era huma linda e engraçada moça de 19 annos, que corou ao ver tanta gente, porque, desde que sahira do convento, a tinha seu pai feito viver em completa solidão, accompanhada apenas de huma aia velha.

Sentarão-se todos a mesa; festejarão o autor tragico, e beberão a gloria de suas obras

– Eu cá brindo ás obras do filho; disse Panard

Claudio Crébillon franzio as sobrancelhas, e disse depois de olhar para Sofia-Srs., rogo-vos que não digaes mais nem huma palavra a tal respeito.

– Vejo nisto quem he meu pai. Snrs, faço-vos juises da injustiça que uza comigo. Sei que he autor celebre, que suas obras são procuradas e lidas com ancia.... Acreditareis que não só m'as não deixa ler, mas até nem conheço os titulos dellas?

– São livros muito sabios para vós, senhora, disse Gallet.

No mesmo instante soltarão gargalhadas os tres poetas; e o rosto do velho, cujo caracter desigual facilmente passava da alegria á tristesa, appresentou huma expressão clara de desgosto Claudio, impaciente, encolerisado, disse com asperesa a Sophia que se retirasse a seu aposento A moça ergueo-se envergonhada O velho beijou-lhe afetuosamente a face; o pai estendeo-lhe a mão, procurando sorrir-se, e ella, depois de saudar com graça aos convidados, retirou-se da sala.

– Não nos tinhas dito que tinhas em casa tão lindo passaro exclamou Panard.

– He hum anjo, disse Gallet enthusiasmado, depois de esgotar o copo pela vigessima vez

– A' saude do bom pai que respeitou a innocencia de sua filha, e não lhe permittio que conhecesse nem se quer os titulos de suas obras, gritou Gallet.

– E desgraçado daquelle que lh'os fizesse conhecer, respondeo Claudio com furor, morreria ás minhas mãos.

– Tranquilisa-te, disse Gallet, e bebeo novamente á sua saude.

Todos o imitarão, menos Crebillon, que permaneceo pensativo e com a cabeça baixa. Gallet apertou com força a mão do poeta, e perguntou-lhe. Que tens grande homem

– Deixa-me, respondeo elle pensa em cousas que facilmente comprehenderias, se... Que pai! Hum pai q' se envergonharia diante de sua filha, se esta soubesse unicamente os titulos de suas obras! Ah! Claudio! Muitas veses t'o disse brincando, e em tom de graça: porem, agora digo-t'o com o coração opprimido, e com toda a amargura de minha alma: és a peior das minhas obras.

Disendo isto, ergueo-se, e começou a passear pela sala, dirigindo de vez em quanto hum olhar triste para o aposento em que entrára a moça. Os outros convidados, vendo que a scena se hia tornando tragica, se despedirão com apparente alegria de Crébilon e seu filho, e se retirarão, deixando Claudio só com seu pai, e entregue a triste meditações

– Desgraçado! continuou o ancião, falando com o filho, por que a não deixaste no convento? Sophia tão moça, tão pura, póde viver em tua casa? na verdade, nunca pensei semelhante couza... Porem, já vejo, acrescentou com animação; já vejo que não eras digno de ter huma filha.

Claudio chorava: e o poeta conheceo que tinha-se excedido demasiadamente; porisso, pegando na mão do filho, proseguio carinhosamente: – Vamos, não te agonies comigo; vejo que fui injusto, porem, as veses, não posso conter a minha indignação... Depois, he preciso viver; eu, com minhas tragedias, teria morrido de fome, se não fosse a protecção de Madame de Pompadour, que obteve para mim, como por esmola, huma pensão; entretanto que com teus contos e novellas, és rico, vives feliz, e podes dotar tua filha.

Ouvindo estas palavras, cresceo o pranto de Claudio, que prostou-se aos pés de seu pai, escondendo o rosto entre as mãos, e dizendo: – Meu pai! E quem quererá casar-se com ella!

II.

Oito dias havião decorrido depois desta scena, e a recordação della hia-se já apagando do espirito de Claudio; mas, durante este tempo, tinha-lhe sido impossivel pegar na pena, e continuar a escrever sua novella -- O Sopha, que he a mais indecente das suas obras. Tinha jurado não acaba-la; mas, tendo ido visital-o o livreiro com quem tinha tratado sua publicação, e lembrando-lhe a necessidade de terminal-a por ter recebido antecipadamente huma quantia consideravel, que não podia restituir, emprehendeu a continuação da obra.

Estava trabalhando nella quando entrou no seu escriptorio Sophia, com um vistido simples e elegante, que muito realçava sua natual formosura. Claudio, logo que a vio, juntou seus papeis, atarantado como hum criminoso, e feixou-os á chave, em huma gaveta da mesa.

– Que queres, Sophia? perguntou a filha. Não te preveni de que não devias entrar no meu gabinete quando estivesse escrevendo?

– Não o tornarei a faser, respondeo a moça, imprimindo na face do pai hum beijo que penetrou em seu coração, semelhante a hum remorso, porem, Martha está fora de casa; eu venho pedir-vos que me acompanheis para a igreja.

– A' igreja! exclamou perturbado, Minha filha, neste momento me não he possivel; he necessario que esperes que volte Martha.

Sophia lançou o braço ao pescouço de seu pai e disse-lhe com voz carinhosa: – Se ao menos me permettisses que entretanto fosse lendo huma das vossas obras....

– Sophia, respondeo Claudio, alterado, Jà te prohibi que me falasses nisto; se o tornares a faser, mando-te outra vez para o convento.

– Muito me despresais certamente; disse ella, poissou a unica a quem não permitis a leitura de vossas obras Segundo disse Mr. Gallet, são mui sabias, e meo pai tem-me em conta de muito ignorante.

Dificil seria pintar o que então se passou na alma de Claudio, porque cada huma destas palavras, ditas com toda a sinceridade de huma menina, era para elle huma punhalada.

Pela vigessima vez jurou em seu coração não terminar O Sofá; porem, apresentava-se-lhe logo a necessidade, e naquella mesma noite, em quanto Sophia dormia em sua alcova, que estava d'ali perto, Claudio com o coração despedaçado, envergonhando-se de si mesmo, e a todo o instante olhando como um criminoso em torno de si, escrevia as paginas licenciosas que hum seculo immoral pagava a preço de ouro.

O relogio da igreja de S. Sulpicio bateo as duas horas da manhã, e Crébillon ainda continuava a escrever: porem, finalmente cedendo á fadiga e ao somno, feixou cuidadosamente o manuscripto, e, antes de deitar-se, abrio, como costumava, a porta da alcova de Sophia. Parecia entregue a hum somno tranquillo; tinha hum braço languidamente posto sobre a cabeça, e, com effeito, sua belesa era divinal Claudio approximou-se, contemplando com delicias aquel-

a somno pacifico, e inclinou-se para ella por lhe parecer que o halito embalsamado da innocente virgem o purificava dos pensamentos immundos que acabavão de occupar sua longa vigilia. Com tudo, não se atreveo aquella noite a beijar a face de sua filha, e foi deitar-se, procurando consolar-se com a grata idea de que o producto de suas obras serviria de dote a Sophia, que constituia seo porvir, sua vida, e sua gloria.

Mas, não dormia a moça, como seu pai imaginara, pois huma daquellas ideas fixas e pertinases que nada póde vencer a fazia estar acordada havia algumas horas; quando o pai entrou, fingio dormir foi esta sua primeira mentira a que se seguio sua primeira falta, falta terrivel, falta irreparavel.

Já haveria huma hora que dormia Claudio Crébillon, quando se levantou Sophia, e meio vestida, entrou no gabinete de estudo de seu pai, e, tremola, pegou na chave da gaveta que encerrava os papeis Que alegria não foi a sua achando-se na posse de tão preciosa conquista! Nenhum remorso sentia, porque, qual era seu desejo? Conhecer as obras a quem seu pai devia a reputação e fortuna de que gosava, e saber se com effeito erão ellas taes que se não podesse comprehender. Imaginava qual seria seu triumpho e orgulho quando podesse fallar a seu pai acerca das obras que com tanto cuidado occultava, e dizer-lhe — Meu pai li os vossos livros, e não sou tão ignorante como suppunheis, porque os entheudi. Como palpitava seu coração, quando se achou sosinha no gabinete em que seu pai se enregava ás suas inspirações; e abrio a gaveta mysteriosa, achou o manuscripto, e pode começar a leitura, á claridade de huma lampada.

Aqui imitarei aquelle pintor da antiguidade que cobrio com hum véo a cabeça de Agamemnon, durante o sacrificio de Ifigenia; lançarei tambem hum veo sobre teo rosto, virgem pura e innocente, que dezejas conhecer os titulos de gloria de teu pai, e a noite sosinha, meio despida, com o coração agitado pela curiosidade e pelo temor, sem saber, e como arrebatada por huma força sobrenatural, devoras as paginas impuras e immundas que tem por titulo: -- O Sophá.

Mil veses tentou fugir, mais via-se retida por huma potencia invesivel. Começava a raiar o dia, e já ella reunia apressadamente os espalhados quadernos, quando se abrio a porta, e apresentou-se seu pai.

Vendo sua filha com o manuscripto do Sophá na mão, lançou-se a ella, e arrancando-o com violencia, exclamou: -- Que fases desgraçada?

- Meu pai - disse Sophia, prostrando-se a seus pés - tranquillisai-vos, nada li. E fugio apressadamente para seu quarto.

Desde aquelle momento, o pai não se atreveo mais a olhar para a filha, nem a filha para o pai.

III.

Restava unicamente huma esperança a Claudio, a de ter entrado em seu escriptorio antes que Sophia tivesse examinado o manuscripto. Com effeito, podia acontecer que nada tivese lido.

Quiz sahir daquella duvida terrivel, e para isso atreveo-se a olhar novamente para a filha, a dirigir-lhe a palavra, e a interroga-la. Perguntou-lhe, chorando, se tinha lido alguma couza; ella jurou que não, e este juramento o tranquillisou hum pouco.

A cabeça da moça não pôde, porem, resistir a huma commoção tão forte. Tinhão decorrido apenas dous dias, quando foi acommettida de huma febre abrazadora. Claudio não se separava do seu lado, prodigalisando-lhe os mais ternos cuidados; mas; hum delirio espantoso e continuo tirava toda a esperança de salvação.

Huma noite, acabava de retirar-se o medico com hum triste presentimento, sem ter achado meio de consolar o desditoso pai, senão com algumas palavras vagas, que nenhum lugar davão a esperança. Achavão se ao lado do leito da moça unicamente os dous Crébillons, pois o velho tinha vindo soccorrer o filho em sua afflicção. Sophia, pallida e moribunda, conservava ainda sua formosura, e seus labios movião-se de vez em quando agitados pelo delirio.... De repente [illegible]-se-lhe o resto, assendeo-se-lhe o [illegible], sentou-se na cama, e [illegible] transportada, olhando em torno de si. - Não esta aqui, posso muito bem ler - E como se tivesse o livro diante de si, começou a recitar todas as passagens que mais a tinhão chocado, e que, semelhantes a outras tantas setas envenenadas, se tinhão gravado em sua mimoria.

O velho Crébillon a ouvia, immovel de horror e de surpreza; o filho se tinha encostado á borda do leito; e, pegando na mão gelada de sua filha, cobria-a de beijos e soluços.

- Que diz ella? -exclamou finalmente o velho. - O que ella diz, he infame; isto he teu, Claudio, não he verdade? -

E sahio amaldiçoando o filho.

O infeliz Claudio permaneceo junto ao leito, entre a maldição de seu pai e a de sua filha, que morrendo o amaldiçoava tambem, sem o saber.

De repente tornou a si a moça, e, vendo chorar seu pai, apertou-lhe ternamente a mão, e disse - Não choreis, meu pai, eu nada li. -

Estas forão suas ultimas palavras. No dia seguinte enterrarão huma virgem em S. Sulpicio, e Claudio Crébillon repetia desesperado as palavras de seu pai: - Eu não merecia ter huma filha. - S. R.

(Do Despertador.

Variedades

Hum Juiz de Paz inglez.

O Dr. H., Ministro, e Juiz de Paz de huma villa do Condado de Kent, era hum homem muito singular, e os seus comparochianos demasiadamente bulhentos. Fatigado de estar continuamente obrigado na qualidade de Juiz de Paz a dar-lhes audiencia, e a julgar as suas differenças, imagina o seguinte meio para os curar da mania dos processos: todas as vezes, que algum de entre elles lhe hia requerer huma audiencia, elle lhe não deferia com o pretexto de se achar muito occupado e lhe promettia, que o mandaria avisar, logo que pudesse attende-lo. Este celebre Juiz esperava que o tempo estivesse chuvoso, no instante mesmo em que chovia com mais força, mandava chamar á sua presença todos aquelles, que tinhão entre si algumas differenças, ordenando-lhes que se puzessem no lumiar da porta, e ahi lhes dava audiencia. Os pleiteantes obrigados a estarem diante do Juiz com o chapeo fora da cabeça, ficavão molhados, como se tivessem cahido em hum rio; e este procedimento foi bastante para os fazer desgostar do seu espirito de chicana.

A infabilidade de hum jornalita inglez.

« Senhor, o vosso jornal deo ultimamente huma noticia falsa --Impossivel, sur!... mas fallai; direi, qual foi? -- Vós dissesteis, que M. N*** havia sido julgado?-- He verdade. --Condemnado?- He certo.-Enforcado? .-Certissimo -Não, senhor, eis ahi o que eu nego esse M. N*** de que fallasteis, sou eu --Não he possivel.-He como tenho a honra de vo-lo dizer, e espero que dareis hum desmentido a essa noticia.--Tal não farei.-Como assim!... Isso ha de ter que ver!-Tudo quanto quizerdes, menos huma tal declaração.-Queixar-me-hei á justica...-- Fazei o que vos parecer; porem eu jamais me retratarei. A unica couza que posso fazer em vosso favor, he annunciar que a corda arrebentou, e que estaes de perfeita saude. Tenho os meus principios, e todos sabem que eu nunca minto, O pretendente não julgou a proposito acceitar esta ractificacão.

(Do Diario do Rio)

Proselytismo por via da imprensa.

Os protestantes se gabaõ de terem estabelecido para a propagação do christianismo huma typographia em Macao, na China; outra em Singapore, na peninsula de Malaca, huma fundição de typos na ilha de Java, huma typographia em Bakok, no reino de Siam; outra no paiz de Assam, huma typographia consideravel e huma fundição de typos no paiz dos Birman, huma typographia em Tavoy, no paiz hos Karens; outra em Lodiana, na India Septentrional; outra em Allahabad, outra em Cuttack, huma com 8 prensas e huma fundição de typos em Madras, huma typographia e huma fundição de typos na ilha de Ceylan, outras em Bombaim, huma typographia nas ilhas Sandwich, outras muitas na Africa do Sul, huma no Cabo das Palmas, huma em Beyrath, na Syria; outra em Ooroomiah, na Persi, huma typographia e huma fundição em Smyrna, outra na ilha de Syra, em Grecia, huma typographia em Athenas, outra no paiz dos Hiroquezes, na America septentrional, e tambem em outras tribus indias da America no norte.

Martyrologia da imprensa.

Todos os presidentes da convenção nacional de França forão jornalistas, a excepção de hum ou dous. De 64 que tiverão a honra de presidir aquella assemblea, 16 forão degolados 3 se matarão, 8 forão deportados, 6 condemnados á prisão perpetua, 4 enlouquecerão e morrerão em Bicetre, 22 forão postos fora da lei, dous somente escaparão a toda a especie de condemnação. De 707, a metade pelo menos, dos escriptores politicos residentes em paris morrerão de morte violenta Se se estabelecesse o martyrologio da imprensa, este periodo forneceria hum sem numero de victimas illustres.

(Do Correio Oficial.)

Carapuceiro

Enthusiasmo, Fanatismo, Superstição.

Estes são os vocabulos de que mais estranhamente tem abusado os decantados Philosophantes. Se crermos a estes Srs., o enthusiasmo, o fanatismo, a superstição, tão funestos ao genero humano, são consequencias necessarias do espirito religioso; e assim procurão infamar todo o zelo, todo o sentimento de Religião, qualificando-os por fanatismo, dando o nome de superstição a toda pratica religiosa, e chamando sabedoria tão somente á indifferença, ou ao desprezo de todo, e qualquer Culto. Esta tactica de correr a esponja a todas as Religiões positivas pareceo tanto mais commoda, quanto se imaginou, que com generalidades podia-se dispensar toda a discussão seria, e que vãs declamações suprião o raciocinio e as provas. Mas as ideias religiosas são objectos tão importantes á felicidade commum, e individual, que muito releva descortinar o erro, e perigo de taes opiniões, alias tão vulgarisadas, e tal he a tarefa, que hoje me proponho. Desmascarando porem a impiedade, que tudo pretende destruir, eu me explicarei francamente sobre essa falsa Theologia, que quer conservar tudo até os abusos, não mettendo no escuro os grandes serviços, que a verdadeira Philosophia fez á humanidade, e á mesma Religião.

Quem não quizera banir para sempre da sociedade o cego enthuziasmo, o fanatismo, e a superstição? Mas atrevo me a sustentar, que o enthuziasmo não pode ser hum mal por si mesmo; que o fantismo não he huma paixão exclusivamente ligada ás ideias religiosas; que a religiosidade não he superstição, e que esta mesma he menos perigosa, que a incredulidade.

Na verdade o que he o enthusiasmo em geral? Hum transporte secreto d'alma: e sem este aceaso poderia o homem romper os obstaculos, arrostar os perigos, vencer as difficuldades, e recuar nas occasioens decisivas, e com tanto calor os limites do possivel moral, sempre tão estreito para as almas communs, ou ordinarias? Se ha hum enthusiasmo para o poeta, só não o haverá para o homem virtuoso, para o heroe, para o grande homem? A fria rasão só por si nunca produzio grandes couzas. Se as paixões muito lhe devem; porque ella as dirige, e modera, tambem deve muito ás paixoens, que a despertão, e exaltão. Querer sufocar nos povos todo o enthusiasmo seria pretender estabelecer entre elles o imperio da morte.

Ha sem duvida hum enthusiasmo vago, que os bons espiritos não podem applaudir, e vem a ser; aquelle, que tem por principio huma forte persuação esquentada por hum zelo despido de todo o motivo de convicção. O homem accomettido desta enfermidade do espirito não raciocina, deixa-se arrastrar, tem sentimentos vivos, e não ideias claras. Muitas vezes hum sonho lhe serve de demonstração; elle nada vê alem, nem acima do objecto, que o preoccupa; não ouve o que se lhe diz, não he accessivel, se não ao que imagina: elle pode afferrar-se fortemente assim a verdade, como á mentira: a sua cabeça vivamente abalada não deixa acesso nem ao exame, nem á discussão. Com rasão pois se declama contra taes enthusiastas; porque elles são incapazes de formar hum plano; o mal muitas vezes se lhes appresenta debaixo da sombra do bem, e quando fazem o bem, raramente o sabem fazer. Do cego enthusiasmo ao fanatismo ha só hum passo: todavia ha differença entr'estas duas affeições. Se se não pode ser verdadeiramente fanatico sem ser enthusiasta, pode-se ser enthusiasta sem ser fanatico. O cego enthusiasmo não he se não hum delirio, o fanatismo he huma paixão, hum frenezim. O cego enthusiasmo obscurece o juizo; o fanatismo muda o caracter, e deprava a vontade O enthusiasta he exaltado; o fanatico he violento. O primeiro he accessivel á piedade; o segundo não o he, se não á colera, ao odio: hum busca proselytos, o outro não quer, se não escravos, ou victimas Não he impossivel tirar proveito das illusões do enthusiasta: mas forçoso he, quê todos se armem contra os furores do fanatico.

A superstição he huma das principaes fontes do cego enthusiasmo, e do fanatismo: he consequencia da ignorancia, e dos prejuizos; mas o que a caracteriza he o achar-se unida a algum desses movimentos secretos, e confusos d'alma, ordinariamente produzidos por demasida timidez, ou sobeja confiança, e que mais, ou menos vivamente interessão a consciencia, ou o coração em favor dos desvarios da imaginação, ou dos prejuizos do espirito. A superstição por tanto he huma crença cega, erronea, ou excessiva, que quasi unicamente provem do modo, porque somos impressionados, e que por qualquer sentimento de respeito, ou temor reduzimos a regra de proceder, e a principio de costumes.

Mas a superstição, o cego enthusiasmo, e o fanatismo não são parilha exclusiva das materias religiosas. Sobr'este ponto bem podemos oppor os incredulos huns a os outros. O que não tem elles dicto em favor do culto pagão para tornar odioso o Christianismo! Elles apresentaraõ o primeiro como essencialmente tolerante, e sociavel inimigo de toda a perseguição, e fanatismo, e o encararaõ como huma instituição auxiliar das do Estado. Elles chegáraõ a dizer, que calumniamos os antigos povos, quando conciderarmos os seus deoses, e festas como superstições grosseiras, em vez de os ter por symbolos das Artes, e por uteis acoroçoamentos a os trabalhos mais necessarios da sociedade. Aquelles d'entre os sophistas, que não poderaõ dissimular a exageração, e falsidade destes systemas, e que segundo o proprio testemunho dos Philosophos d'antiguidade se creraõ violentados a reconhecer, que o paganismo não era senão hum montão de dogmas, de praticas ridiculas, e supersticiosas, fizeraõ-se atraz, e sustentaraõ, que pelo menos estas superstições não eraõ melancolicas, e perigosas, como as das nossas Religiões modernas, e que cultos, cujos apostolos, e pais eraõ poetas, tinhaõ hum caracter de alacridade, que adoçava os costumes da multidão, era favoravel ao engenho, e a todas as qualidades amaveis.

Só os cultos idolatras podem achar accolhida entre os nossos incredulos; só a mesma superstição pode subtrahir-se a os reproches de superstição, e fanatismo, que se assacaõ contra tudo quanto he culto religioso. He verdade, que se citaõ contra os nossos cultos modernos todas as guerras da Religião, que nos ultimos seculos ensanguentaraõ a terra: mas a Religião não era antes pretexto, do que motivo de taes guerras? Não era por ventura a Politica, que acendia a tocha do fanatismo? Se faltassem ás paixões pretextos religiosos; não se ajudariaõ ellas d outros pretextos? Dar-se-hi caso, que a Religião seja o unico alimento das contestações, e das guerras? Se em hum seculo he ambicioso o fanatismo, em outro a ambição he, que se torna fanatica. E o amor da Patria, da Liberdade, a adhesão a huma forma de Governo antes do que a outra não tem sido principios terriveis de divisão de odio, de comoção, e de desordem entre os diversos povos, e entre os cidadãos, que compõe o mesmo povo? « Se eu quizesse referir (diz Montesquieu) todos os males, que tem feito ao mundo os systemas monarchico, democratico, ou aristocratico, diria cousas horrorosas »

Qual he de mais d'isso o interesse temporal, que em mãos ainda mũi recomendaveis se não possa tornar occasião de mil excessos, de innumeras discordias nacionaes? Qual a opinião que não possa vir a ser, e já não tenha sido o germen das mais calorosas rivalidades? Se em algum tempo abusou-se da Religião sem Philosophia, nos nossos dias tem-se abusado da Philosophia sem Religião. No sentir do celebre Pitt o que foi a guerra da passada Revolução Franceza, se não huma luta das opiniões armadas? E já houve em todo o mundo guerra de Religião, que causasse maiores desastres, que fizesse derramar mais sangue, que acarretasse crimes tão horrorosos? Desenganemo-nos, que em qual quer materia os homens sempre almejaraõ, que prevaleção as suas ideias, e se firme o imperio das suas paixões. Nos dias luctuosos

dessa Revolução sempre memoravel acaso o atheo, e o materialista não se assignaláraõ pelo mais furioso enthusiasmo, e pelo fanatismo mais desenfreado? E á vista de factos tão recentes, e notorios poderá mais nunca a intolerancia philosophica accusar, e maldizer a intolerancia sacerdotal?

Eu quero o bem dos homens, diz o incredulo mas os Padres perseguidores tambem o queriaõ, e o algoz de D. Carlos declarava altamente, que se o estrangulava não era, se não por lhe fazer bem. A superstição (disse) he o mais terrivel flagello dos Estados. Pode ser que sim: mas o que resta provar he, que toda a ideia religiosa seja superstição. O reproche mais commum, que se lança á Religião he o fazer viver por hum Deos incomprehensivel homens, que obrariaõ melhor em viver para a sociedade, o sujeitar estes homens a ritos; e praticas, que fazem deslembrar as virtudes, o avezar os espiritos á credulidade, e substituir á moral natural, e universal huma moral arbitraria, versatil, e caprichosa que nunca pode ter hum caracter sufficiente de universalidade, e permanencia. Mas parece-me, que todas estas objecções só se fundaõ em huma profunda ignorancia das cousas, e mais dos homens.

A Religião não prega hum Deos aos homens para lhes fazer esquecer a sociedade, se não para pôr esta sob a poderosa garantia do mesmo Deos. Se estabelece ritos, se ordena praticas, se premulga dogmas, e preceitos, he para recordar os deveres, para facilitar a sua observancia, e para ligar a moral a instituições capazes de a proteger efficazmente.

Hum dos erros favoritos dos Philosophantes he crer, que se pode governar homens com abstracções metaphysicas, ou com maximas, tiradas do frio calculo: mas para provar a falsidade desta opinião basta recorrer á experiencia de todos os seculos, a qual mostra, que para nos tornar bons, e virtuosos he mister alguma cousa mais, do que huma Philosophia especulativa. Porque existem governos? Porque as leis annunciaõ penas, e recompensas? He porque os homens não seguem unicamente a recta rasão: he porque elles são naturalmente propensos a esperar, e a temer; e os Legisladores se convencêraõ, que deviaõ aproveitar esta disposição para os conduzir á felicidade geral. E como não será util á sociedade a Religião, que faz tão grandes promessas, e tão terriveis ameaças?

Bastão as leis, e a moral (dis o Philosophismo). Mas as leis não dirigem mais, que certas acções: a Religião abraca todas. As leis só prendem o braço; a Religião regula o coração. As leis não são relativas, se não a os cidadãos; a Religião assenhorea-se do homem todo. A respeito da moral o que seria ella, se desterrada para a alta região das sciencias, não descesse d'ahi para fazer-se sensivel ao povo? A moral sem preceitos deixaria a rasão sem regras: a moral sem dogmas não seria mais, do que huma justiça sem tribunaes.

Os philosophantes, que parecem confiar tanto na força das leis, sabem bem qual seja o principio desta força? Elle menos reside na bondade das mesmas leis, do que na sua auctoridade. A bondade só por si seria sempre mais, ou menos objecto de controversias. Não há duvida, que huma lei he mais bem accolhida, e duradora, quando he boa; mas o seu principal merito está em ser lei, isto he; ser, não hum raciocinio, mas huma decisão, não huma simples these, mas hum facto. Conseguintemente huma moral religiosa, que se resolve em commando formal, tem necessariamente huma força, que nunca poderia ter nenhuma moral puramente philosophica. A multidão faz mais caso do que se lhe ordena, que do que se lhe prova. Os homens em geral carecem de mandamentos fixos, e mais precisão de maximas, ou sentenças praticas, do que de demonstrações.

Por isso nunca as leis humanas, nem a moral natural poderáõ suprir a Religião. Aquellas já foráo mui acertadamente comparadas á teia d'aranha, que os grandes despedação, e de que se escapão os pequenos animaes. Por outra parte huma moral unicamente ensinada por philosophos, quasi nunca offereceria se não questões escolasticas, e por isso pouco idonea para regular o geral dos homens, que mais hão mister ser governados, que convencidos.

Nem se diga, que huma moral religiosa nunca pode vir a ser universal, visto que o mundo superabunda de Religiões differentes: pelo contrario eu entendo, que só ao espirito religioso, cabe garantir á moral natural o caracter de universalidade, que lhe convem; por que em verdade se as Religiões differem, he alias incontroverso, que os principaes artigos da moral natural são o fundamento de todas as Religiões; donde resulta, que as maximas, e virtudes mais necessarias á conservação da sociedade humana são em toda a parte a salva-guarda da religiosidade, e consciencia: ellas tem hum caracter de fixação, de certeza, e energia, que não poderião haver da sciencia dos homens. As Religiões são sim differentes; mas tracta-se do espirito religioso, desse espirito, que he commum a todos os cultos, e que em todos elles vivifica, alenta as boas acções, e torna-se a alma universal da moral, o centro de unidade em fim, no qual vem terminar tantas incertezas, tantos systemas, que podem dividir, e descarrear o genero humano.

(Continuar-se-á.)

VARIEDADE.

Anecdotas.

Certo jurado do mato, vendo, que o tribunal absolvia a torto, e a direito, dizendo-se sempre, que se não achava materia para accusação, exclamou em hum dos dias de sessão — Acabou-se a materia; e só ficarão os carnegões.

Outro tambem Juiz de facto pedio ao Jury licença para se retirar, e alegou por motivo o ter deixado em casa muito doente a sua creoula. Desatarão todos a rir — Ah! Já sei, que me não dispensão (disse o homem) á excepção do Sr. F., que tambem tem a sua, e he ferido do mesmo mal.

LOTERIA DA BOA-VISTA.

O Thesoureiro principia o pagamento dos bilhetes premiados da 1. parte da 4. Loteria hoje das nove horas da manhã as duas da tarde no lugar do costume, não o tendo feito antes por causa da semana e dias santos.

LOTERIA DO LIVRAMENTO.

Achaõ-se a venda nos lugares do costume os bilhetes da Loteria a favor das obras da Igreja de N. Senhora do Livramento, logo que acabar de correr a do Theatro será marcado o dia, em que devem impreterivelmente correr as rodas. Roga-se pois aos amadores deste jogo, e devotos da Senhora do Livramento queiraõ concorre a compra dos bilhetes, a fim de que não fique grande numero com prejuizo das obras da Igreja da mesma Senhora.

THEATRO.

Hoje 22 do corrente, representa-se a beneficio da primeira Dama Joanna Maria de Freitas Gamboa, a grande Peça nova o

MARQUEZ DE POMBAL
ou
O Terremoto de 1755.

No fim da Peça se dançará — A Caxuxa — rematando o expectaculo a Farsa nova — A Castanheira.

A Beneficiada não podendo pelos seus muitos afazeres, hir pessoalmente convidar os seus muitos benignos protectores espera destes toda a desculpa, suplicando-lhes hajaõ de lhe gratificar nos Camarotes o que se dignarem, neste seu Beneficio.

SOCIEDADE HARMONICO-THEATRAL.

Tendo principiado a obra do Theatro de Apollo no dia 25 de Março pp., e tornando-se necessario proceder a arrecadação de vinte por cento do emprestimo de 15 contos de rs., com que para edificação do mesmo Theatro subscreveraõ voluntaria, e generosamente os Srs Socios: a Commissão Administrativa da Sociedade Harmonico-Theatral por este os aviza a que se dignem entregar no prazo de 30 dias contados do data deste, em caza do Thezoureiro Manoel João d'Amorim na rua da Cadeia velha n. 21, as suas respectivas quotas, como he expresso nos artigos 7 e 8, da proposta approvada.

Recife 8 de Abril de 1840.

Avisos Diversos.

☞ Quem precisar de roupa lavada, e engomada, com muita promptidão, e asseio, e por preço commodo, dirija-se ao beco da Bomba caza D. 6.

☞ Precisa-se de um feitor para sitio, na rua Nova D. 22 segundo andar. Aluga-se um grande armazem nas Cinco pontas, defronte do viveiro do Sr. Moniz; a tratar na mesma caza acima.

☞ Roga-se a qualquer pessoa que souber, ou a quem um negro do Sertão for procurar para o comprar, haja de pegal-o, e mandal-o entregar na Caza-forte, no sitio ao entrar para a estrada do Cordeiro, de que se ficará no agradecimento, e se recompensará a quem o levar: tem os signaes seguintes — altura regular, cheio do corpo, bonita presença, falta de um dente de cima na frente.

☞ Precisa-se alugar um negro, ou negra de maior idade, ou um moleque, para vender na rua; quem o tiver annuncie para ser procurado.

☞ Um moço brazileiro de idade de 17 para 18 annos de boa conducta, o qual se preciso for, dará fiador, se offerece a algum senhor nesta Praça ou fora della para caixeiro de escripta, pois que tem boa letra, ou mesmo para algum carterio: quem pertender annuncie para ser procurado.

☞ Algum Sr. portuguez ou estrangeiro, que precisar de uma ama parda para todo o serviço de casa, annuncie para ser procurado, ou dirija-se a Fora de portas, passando o primeiro beco, depois do sobrado grande, na primeira casa baixa á mão direita.

☞ Uma moça donzella, orfã de pai e mãi, que sabe cozer, engomar, e ensaboar, e que entende do diario de uma caza, sujeita-se a ir para qualquer caza de familia capaz, pelo sustento, e vestuario: quem quizer annuncie.

☞ Roga-se ao dono ou caixeiro de uma loja da rua Nova, onde por esquecimento ficaraõ tres navalhas de barba, e um bilhete de rifa, que corre com uma das loterias, que se digne entregar taes objectos na loja dos Srs. Novaes & Bastos, rua do Queimado.

☞ Aluga-se uma caza de 2 andares, e sotaõ na rua da Guia n. 16, onde morou o falecido Domingos Rodrigues do Passo, com bastantes commodos para qualquer familia.

☞ O Sr que em dias de Dezembro de 39 tratou a compra de um terreno no fim da rua da Roda; queira apparecer, que seu dono já está na terra.

☞ Quem achou uma caixa de tartaruga com aros em cima e em baixo dourados, e uma chapa quadrada no tampo, com esmaltes dos lados tão somente, tendo um taquinho tirado no aro, cuja caixa foi tirada da algibeira da cazaca na Sexta feira da Paixão na occasião da Procissão, querendo restituil-a, leve-a atraz de S. José da parte de S. José D. 4, promettendo-se guardar segredo, não se exigindo saber como foi ella tirada, e gratificando-se o portador.

☞ Aluga-se uma escrava que tem principio de costura, cozinha, engoma e ensaboa, a qual se aluga com a condição de não sahir a rua: na rua da Madre Deos n. 24.

☞ Aluga-se uma negra para o servico de uma caza; na Praça da Independencia loja de chapeos D. 28 e 29.

☞ Samuel Berey retira-se desta Provincia.

☞ Dá-se trinta mil reis a quem tiver achado e quizer restituir uma rozeta de brilhante, que se perdeu desde a Matriz da Boa-Vista até a de Santo Antonio, na loja da rua do Queimado de João da Silva Santos ou no atterro da Boa-Vista caza de Bernardo José Carneiro.

☞ O Sr. que tem annunciado para vender uma venda com poucos fundos nas Cinco-pontas, no caso de estar ella desembaraçada, e ainda querer vendel-a á dinheiro, queira declarar lugar certo, em que se lhe possa fallar, visto que o lugar indicado em seu annuncio offerece difficuldades em se achar a pessoa, com quem se deve tratar.

☞ Arrendaõ-se os armazens por baixo do predio do Exm. Sr Manoel de Carvalho, assim como se vende nos ditos armazens, dous mastareos de gavia, dous pannos de cutello, umas conxas para pezar assucar, uma espia de linho, tudo em bom uzo, e dous leitos para cazados tambem em bom uzo.

☞ A pessoa que annunciou no diá 18 do corrente querer comprar uma escrava de idade de 50 annos para o fim decclarado no mesmo, pode intender-se na rua das Trinxeiras, sobrado D. 8.

☞ No dia 22 de Agosto de 1839 fugio ou furtaraõ um escravo de nome Miguel, do gentio de Angolla, e ainda buçal, tendo no queixo algumas glandulas, a que chamaõ alporcas, principiando ao pé de uma orelha, até debaixo do queixo, indo naquella occasião com ellas abertas: he alto, e tem a cor pouco preta. Quem delle souber ou tiver noticia pode procurar, ou participar a Antonio da Silva Gusmão na rua do Queimado, da Provincia de Pernambuco, que receberá duzentos mil reis pela noticia, e pagará tod a a despeza que se fizer, e se elle parar em mão de alguma pessoa que o tivesse comprado de boa fé, nesse caso, o mesmo Gusmão se compromette a dar o dinheiro, e pagar toda a despeza que se houver de fazer, na conducção do mencionado escravo, para o que compromette seus bens.

☞ Offerece-se um rapaz portuguez para caixeiro de qualquer arrumação, tendo dezeseis a dezesete annos de idade: quem do seu prestimo se quiser utilisar, queira annunciar por esta folha.

☞ Precisa-se alugar uma caza terrea com bons commodos para familia, tendo quintal e cacimba, ou um sobrado de um andar, em rua que não seja exquisita, e sendo no bairro da Boa-Vista: quem tiver para alugar annuncie.

☞ Na madrugada de Domingo de festa 19 do corrente mez de Abril, indo pela rua do Rangel, Pracinha, rua das Cruzes, até entrar na Igreja de S Francisco, e sahindo da mesma pelo largo da cadeia, voltando na rua do Crespo até entrar na Praça da União, e sahindo no canto esquerdo para a rua larga do Rosario, e voltando para a rua estreita até ao meio, que vai sahir no pateo do Carmo, perderaõ-se uns corazes encarnados com seos requififes miudos de ouro, faltando já alguns nos mesmos corazes: a pessoa que os tiver achado e quizer restituil-os, dirija-se a rua do Rangel D. 14 na caza de Manoel Joaquim Ferreira, que será recompensado.

☞ O Tenente Coronel Trajano Cezar Burlamaque, roga, e pede ao Illm. Sr. Prefeito, e mais authoridades policiaes a aprehensão de uma escrava, que se suppõe furtada, e occulta em uma casa nas Cinco pontas, ou em um sitio em Beberibe: esta escrava foi com prada no dia 11 de Maio de 1839 a Camillo de Lellis da Fonceca, Piloto do Patacho S. José (chegado há poucos dias d'Angolla); ninguem poderá fazer compra da mencionada escrava com o dito Piloto, ou outra qualquer pessoa que a tenha occulta, sob pena de se proceder contra o comprador, ou possuidor: ella fugio no dia 16 de Outubro de 1839, chama-se Anna, ladina, de nação Angolla, de bonita figura, estatura regular, cor preta, rosto puxado, olhos grandes, nariz fino, beiços meio grossos, tem uma malha mais preta do que a cor natural no rosto do lado esquerdo, e no braço esquerdo umas letras de Angolla, tem nas costas muitos talhinhos de navalha, mãos pequenas, e pés grossos, porem mal feitos, e intitula-se creoula; quem a pegar leve-a e rua da Gloria caza de um andar de grade da ferro defronte do convento, que será gratificado com 50$000 reis.

☞ Joaquim Joze de Santa Anna Barros, Professor de Primeiras Letras, e Gramatica Franceza, com Aula na rua nova de Santo Amaro em Fora de Portas, na caza D. 4, aviza aos Snrs Pais de familia, que ainda continua a receber alumnos para ditas Aulas; sendo os de Prim. Letras, pelo modico preço de dois mil rs. mensaes, e os de Francez trez mil reis, promettendo todo o disvello possivel no adiantamento daquelles meninos, que lhe forem confiados, como tem praticado, e pratica com aquelles que no curto espaço de dois annos, a isto se tem dedicado.

— Deseja-se saber, se existe nesta Provincia Francisco de tal Branquinho; e junctamente noticias a respeito de huma herança, que existe em seo poder pertencente á Alexandre Joze de Mello Moraes, e suas duas irmães, como herdeiros unicos, e legitimos do cazal de João Marinho de Lima, e de D. Anna Barboza de Araujo; sobre o que o dito Sr. Branquinho mandara para Alagoas uma Procuração á Pedro Antonio da Fonceca á saber da existencia dos herdeiros deste mencionado cazal, afim destes Snrs depois de habilitados hirem, ou mandarem receber a dita herança de sua mão, a qual lhes pertence, como restituição; sobre cujo objecto o mesmo Sr. Moraes já lhe escrevera com o sobrescripto de Francisco Antonio Branquinho duas cartas, em virtude de outras, que recebera de Alagoas á respeito desse mesmo particular.

— Quem tiver alguma casa pequena para alugar para pouca familia que não exceda de 6$ mil reis por mez, sendo esta na rua de S. Thereza, ou na rua das Cruzes da-se seis mezes adiantados, e tão bem paga-se dois mezes que estiverem devendo: quem lhe convier annuncie.

☞ Precisa-se de huma casa terrea, no Bairro de Santo Antonio, que sirva para pequena familia, prefere-se a que tiver quintal e cacimba, dando-se alguns mezes adiantados, quem a tiver annuncie sua moradia por esta folha.

☞ Quem precisar de uma ama para casa so um homem solteiro, dirija-se a rua da osdpa sobrado ao pé da padaria.

Avisos Maritimos.

PARA O ARACATY o Patacho Laurentina Brasileira, pretende sahir com muita brevidade, por ja estar com seu carregamento quazi prompto; quem quiser carregar, dirija-se a rua da Cruz n. 34, ou ao Capitão Antonio Germano das Neves.

PARA O PORTO segue viagem o Brigue Portuguez Ventura Feliz, Capitão Antonio Francisco dos Santos, quem no mesmo quiser carregar, ou hir de passagem dirija-se ao Capitão, ou a seu consignatario João Baptista Ribeiro de Faria.

Leilão

☞ Quarta feira 21 do corrente pelas onze horas da manhã, faz-se leilão por intervenção do Corretor Oliveira, da mobilha do Dezembargador Tiburcio Valeriano da Silva Tavares na casa que foi de sua moradia pertencente ao Exm. Sr. José Carlos Marink, no Hospicio, os principaes objectos constão de camas, comodas, mezas de jantar, e para salla, sofás, lavatorios, tocador de senhora, espelhos, cadeiras, estantes para livros, candieiros, lampiões, relogio de bronze dourado para cima de mesa, vidros riquissimos de procelana com flores artificiaes, louça, vidros, vinhos, serveja, e um optimo mulatinho escravo

Compras

☞ A obra de Grocio de Jure belli ao pacis; quem tiver annuncie.

Vendas

☞ **Meios bilhêtes da Loteria do Theatro, que corre impreterivelmente no dia 27 do corrente, a 4$500; e Cautellas de ditos a 500 réis nesta Typographia.**

☞ Bilhetes e meios ditos da Loteria do Theatro a 4480; na rua nova loja franceza D. 9 defronte da Matriz.

☞ Cautellas da Sociedade Fortuna Typografia, divididas de bilhetes da presente loteria do Theatro, a 500 réis, na praça da Independencia loja n. 20, e na loja de encadernador n. 26 na rua larga do Rozario loja de miudezas D. 7, na rua nova loja de ferragens D. 10 do lado da Matriz, na rua estreita do Rozario loja de trastes D. 31, na rua direita venda que foi de José da Penha, e na loja de couros D. 18, atraz do Corpo Santo venda D. 30

☞ Uma negrinha de nação, de idade de 13 annos, de bonita figura; na rua do Livramento D. 4.

☞ Peças de estopa avariadas a jarda a 90 rs.; e um boi de cangalha, que serve para carroça; na quina da pracinha do Livramento loja do Burgos.

☞ Dous moleques, e 3 negrinhas, uma preta, e um preto, ambos creoulos; na rua da senzala velha n. 31.

☞ Manteiga ingleza a 6000 o Barril; no armazem do Braguez, ao pé do arco de S. Antonio.

☞ 3 Vaccas creoulas; na rua dos Pires D. 4.

☞ Uma duzia de cadeiras, duas bancas em bom estado, uma meza de jantar com aparadores; na rua de agoas verdes D. 8, junto ao Escrivão Posthumo

☞ Um negro de nação, sadio, he canoeiro, e de bonita figura; no Recife no porto das canoas, no tanque d'agoa.

☞ Uma carteira grande de amarello com duas faces, inda nova, por preço commodo; na rua da Guia n. 16.

☞ 5 vaccas de leite com crias, por preço commodo; na rua do trapiche novo n. 16.

☞ Um cavallo mellado a patacado, optimo para carro, por ser muito grande e novo, e sem vicio; na rua do Hospicio junto ao Padre Mestre Laurentino.

☞ A posse de um terreno na rua da praia com trinta palmos defrente, e a frente ja em respaldo; quem quizer annuncie.

☞ Um escravo creoulo de idade de 28 annos, official de sapateiro, cozinheiro, e optimo para todo o serviço, cera em vellas de todos os tamanhos a 960 a libra, seda para vestidos a 640 e a 800 rs. o covado, algodão azul para roupas de pretos, de 4 palmos de largo a 120, madapolões, brins trançados e lisos, escuros e brancos, lenços brancos finos ordinarios, chales adamascados, pescocinhos de filó de linho, toucas de dito para meninos, caça lisa, cambraias bordada da india peitos para camisa, lôs de linho, e outras muitas fazendas por preço commodo; assim como um optimo pianno inglez

☞ Peitos de cambraias para camisa de homem com babados de preguinha, e lenços de gorgurão de 36 e 38 polegadas; na loja de miudesas de 4 portas antes do arco de S. Antonio.

☞ Bilhetes da loteria do theatro a 8800, e meios ditos a 4400; na rua do Queimado loja de fazendas de Manoel Joaquim Silveira junto a loja do Sr. Gusmão.

☞ Bilhetes e meios ditos da loteria do theatro; na rua do Cabugá loja de Antonio Rodrigues da Cruz.

☞ Bilhetes da Loteria do Theatro a 9080 e meios a 4480; na rua do Cabugá loja de miudezas junto a botica

☞ Bilhetes da Loteria do Theatro a 9080 e meios a 4480; na rua do Cabugá loja de relojoeiro junto ao Sr. Bandeira.

☞ Meios bilhetes da Loteria do Theatro, a 4480; no pateo de N. S. do Terço venda D. 9.

☞ Bilhetes e meios ditos da loteria do theatro; no atterro da Bôa vista D. 9.

☞ Uma escrava creoula de idade de 19 annos, cose, engomma, refina assucar, faz doces de varias qualidades, e cozinba com perfeição; na rua direita D. 20 lado do Livramento.

☞ Meios bilhetes da loteria do theatro a 4580; no aterro da Boa vista loja D. 20.

☞ Um optimo cavallo; na rua da Cruz n. 1.

☞ Meios bilhetes da loteria do theatro a 4400; na pracinha do Livramento loja de fazendas D. 33.

☞ Meios bilhetes da Loteria do Theatro a 4580, e cautellas de ditos a 500 réis; na loja de Manoel Gomes de Carvalho ao pé do arco de S. Antonio, e na rua nova venda do Lima, D. 2.

☞ Meios bilhetes da loteria do Thertro, que corre no dia 27 do corrente; na rua do crespo, vindo do arco, loja D. 5 do lado esquerdo, e no largo do Livramento loja de fazendas junto ao alfaiate, D. 5.

☞ Meios bilhetes da Loteria do Theatro que impreterivelmente corre a 27 do corrente, por preço mui commodo, e tambem cautelas divididas em decima, e terceira parte, estas o primeiro premio 2:000,000, preço 5000; beco do porto das canoas, casa n. 4.

☞ Meios Bilhetes da Loteria do Theatro a 4580; na rua do Crespo D. 5 lado do norte.

☞ Bilhetes e meios ditos da Loteria do Theatro a 4500; cautellas correspontentes a 500 réis, em colleção com premio infalivel, e a vulço. Na rua do Collegio loja de relojoeiro defronte da Repartição das obras publicas E ahi se fazem os pagamentos de cautellas das loterias passadas.

☞ Meios bilhetes da Loteria do theatro; na rua do Queimado loja de Joaquim Henrique da Silva, D. 3.

☞ Bilhetes da lotheria do theatro, recebendo-se em pagamento bilhetes de qualquer loteria; na rua do collegio loja da quina do Passo.

-- Meios bilhetes da Loteria do Theatro a 4500 rs.: na pracinha do Livramento D. 26 loja do Sr. Manoel Florencio Alves de Moraes

☞ Meios bilhetes da loteria do theatro a 4680; na quina do beco da Congregação Decima 21.

☞ Uma escrava meia ladina, de bonita figura, optima para todo o serviço, na rua de Hortas D. 10.

☞ Bilhetes da Loteria do theatro a 4380; na rua da Madre de Deos venda defronte da Igreja.

☞ Sapatos francezes de uma e duas solas, e ditos de couro de lustro, tudo chegado de proximo, e a preço mais barato de que em outra qualquer parte; na rua do cabugá loja franceza de Affonso Saint Martin

☞ 22 barricas que servirão de farinha de trigo; na camboa do Carmo n. 22.

☞ Na loja de José Tavares da Gama, na praça de Independencia D. 27, sapatos de bezerro de duas sollas a 2800, ditos de uma solla a 2560 e a 2300, ditos de lustro a 3000, e a 2880, botins de bezerro a 7000 e a 6000, botins de duraque e brim a 5000, ditos para senhora a 3 e 3200, chapeos pretos a 7 e 7500, calçado de duraque, setim, marroquim, e couro de lustro para senhora, e mininos, chapeos de palhinha para os ditos e para homem, a 4500, ditos de sol a 7500, de barra, ditos para meninos e senhoras a 5500.

☞ Uma caza terrea nos Afogados, defronte de S. Miguel, e outra no Pateo de S. Pedro do lado da viração; nesta Typografia.

☞ Superiores charutos da Cachoeira, ditos de Havana, Americanos, e Hamburguezes; e superiores bichas do Porto, em condição; na rua do Cabugá loja do Sr. Bandeira.

☞ Uma barretina para G. Nacional, por preço muito commodo; nesta Typografia.

☞ No atterro da Boa-Vista loja de miudezas D. 16, bom sortimento de calçado francez ultimamente chegado, não só para homem, como para senhoras, e meninas: para homem çapato de couro de lustro, e de bezerro; para senhora çapatos de lustro, marroquim preto, ou cordavão, de setim pretos, e brancos, e de marroquins de bonitas cores escuras, e alem disso, de duraque de todas as cores, obra de Lisboa bem trabalhada, e para meninas çapatos de marroquim francezes tambem, de todas as cores, e adverte-se que não he de preço barato, e sim o preço que custa o calçado fino, que por isso mesmo he de outra duração, e asseio. Na mesma loja ha botins pretos para senhora, obra franceza, e çapatinhos para meninos.

☞ Rapé rolão Hamburguez em garrafas de libras e meias ditas, dito areia preta, dito do Lima, e Varejão, chá isson de primeira sorte, dito perola, em libras, e em caixinhas de duas libras e meia por 4000, tinta de escrever preta e encarnada a 160 o pote dita azul a 240, pentes de tartaruga para marrafas, ditos de massa para cócó, ricas tisourinhas finas e inglezas para unha, pentes de martim de tirar piolhos, ditos de tartaruga para alisar, escovinhas para dentes, e para escovar pedras, um rico sortimento de bicos largos e estreitos brancos e pretos, superiores mantas de bico de blom para senhoras e meninas, a 3200 e 4800, lenços de ditos pretos e brancos a 1280, um rico sortimento de fitas de garça largas e estreitas, ricos adereços de filagrã pretos, ditos de contas lapidadas s borzeguins para senhora, a 2500, galocha, para homem a 1600, luvas de camurça amarela, botões dourados para guardas da alfandega, ditos para marinha, bichas ultimamente chegadas, e outras muitas miudezas por preço commodo; Bilhetes, e meios ditos da loteria do Theatro a 4500; na praça da Independencia n. 20, e na rua dos Quarteis D. 3.

☞ Vellas elasticas, e algalias proximamente chegadas de frança, a tres mil rs. a duzia, botins de Lisboa de bezerro, muito bem feitos a doze patacas, e meias de linho para homem; na rua larga do Rozario loja de miudezas D. 7.

☞ Taboado de um a 3 palmos de largura e de todas as grossuras e comprimentos; no porto das canoas armazem do fallecido Domingos dos Passos, ou a fallar com o caixeiro do Sr. João Matheus, Joaquim Lopes de Almeida; assim como uma porção de refugo.

Escravos Fugidos

☞ O preto Roberto, estatura ragular, cara redonda, ainda buçal, levou vestido calças e camisa de algodão, desapareceo no dia 13 do corrente; quem o pegar leve a rua do Vigario armazem D. 13.

☞ No dia 13 de Abril fugio uma preta de nome Getrudes, de nação cabinda, de estatura regular, reforçada de corpo, olhos regulares, testa estreita, buços finos, idade de 40 annos, dentes podres, levou vestido amarelo com flores e listras, camisa de algodãozinho, e baeta preta; quem a pegar leve a casa de Manoel José Gonsalves Braga, junto ao arco de S. Antonio, que será recompensado

☞ Roga-se a os Snrs. Sub-Prefeitos, e mais authoridades desta e mais comarcas, e pessoas particulares, que souberem ou virem uma negra de nome Josefa, de idade de 34 annos, altura regular, secca do corpo, cor fulla, nariz chato, com uma marca de ferro de sua terra em cima, um dedo grande alejado em uma das mãos, pés pequenos, costuma dizer que he forra, e mudar de nome; quem a pegar leve ao atterro da Boa vista n. 4, que sera gratificado com 20.000.

☞ No dia 15 do corrente, fugio um preto creoulo idade de 40 annos, estatura regular, bastante grosso do corpo, tem a perna direita meia cambaia, e na canela da mesma perna uma marca de ferida bem encarnada, o mesmo preto he descançado no fallar, de nome Joze, e veio a pouco do Brejo da Madre de Deos, levou vestido camisa de algodão trançado com mangas curtas e sem punho, calças de brim trançado branco com um grande gavião no cós, e no mesmo tem a marca A. J. P., jaqueta de riscado amarelo ja rota, como tambem tras por baixo das calças seroula de algodão bastante larga, e chapéo de palha que foi comprado alhaer e topaeovpdea

Manoel Fernandes Vellozo, em 31 de Março do mez passado, garantida a venda por Policarpo José de Albuquerque, desta praça; roga-se por tanto a todas authoridades policiaes deste Municipio, ou fora, o queirão aprehender em qualquer parte que se ache, e remette-lo a rua do cabugá D. 7, que se pagarão todas as despezas

☞ No dia 7 do corrente desapareceo um moleque de nome Joaquim, do gentio de angola, que tinha sahido a vender sapatos, em um taboleiro, levando um lenço de seda preta servindo de toalha, de idade de 12 a 13 annos, ainda meio buçal, em uma das orelhas na volta um taquinho pequeno tirado, uma costura na cana do braço direito sendo esta pequena, calças de estopa, camisa de brim liso um tanto suja, presume-se ter sido seduzido, ou furtado; quem o pegar leve a rua do Azeite de peixe no primeiro sobrado de um andar ao entrar da Madre de Deos, lado direito, que será recompensado.

☞ Na madrugada do dia 16 do corrente fugio do sitio do Dr. Francisco Xavier Pereira de Brito, um seu escravo creoulo de nome Joaquim, natural do sertão do Brejo da Madre de Deos, o qual foi encontrado na mesma manhã na estrada de S. Antão, em companhia de uma preta, o mesmo tem de idade 26 annos, alto, cheio do carpo, pernas e braços musculosos, semblante alegre, falla um tanto rouca, conduzio a roupa do seu uzo, e uma trouxa de roupa; quem o pegar leve ao atterro da Boa vista casa D. 24 do lado do sul, que será generosamente recompensado.

Movimento do Porto

NAVIO SAHIDO NO DIA 17.

TRIESTE; Barca Ingleza Perceverauce, Capitão Corkhille, carga assucar.

ENTRADOS NO DIA 18.

RIO DE JANEIRO com escala pela Bahia; 18 dias, Brigue Nac. Fama de 155 tonel. Capitão Manoel Antonio de Souza, equip. 14, carga carne; ao dito Capitão.

LIVERPOOL; 31 dias, Barca Ingleza Esk de 217 tonel., Cap. Alexandre Adamson, equip. 14, carga fazendas; a Harrison Latham & Hibbert.

SAHIDOS NO MESMO DIA.

MARANHAO', Brigue Nac. de Guerra Imperial Pedro, Commandante o Capitão Tenente Joaquim Manoel de Oliveira, passageiros o 1. Tenente Fernandes Vieira da Rocha, o Patrão Mor Jeronimo José do Val Baptista, e dous companheiros.

MARANHAO'; Brigue Escuna Nac. Deliberação, Cap. Joaquim Gonsalves Maia, carga varios generos, conduz um Tenente, um Cadete, dous inferiores, 97 soldados, 3 mulheres, e 3 meninos.

PARAHIBA; Brigue Escuna Nac. Aracaty, Cap. João Antonio da Silva, em lastro, passageiro um brasileiro.

ENTRADO NO DIA 19

ASSU'; 24 dias, Brigue Nac Pernambucano de 204 tonel., Cap. José Ignacio Pimenta, equip. 9, carga sal; a Manoel Gonsalves Pereira Lima, veio arribado e segue para Santos.

DIA 20

RIO GRANDE DO SUL; 22 dias, Brigue Nac. Delfim de 139 tonel., Cap. Joaquim José dos Santos, equip. 8, carga carne; a José Pereira Vianna.

RIO DE JANEIRO; 17 dias, Barca Hollandeza Suzana Maria Catharina de 312 tonel., Capitão B. J. Diskson, equip. 15, carga lastro; a G. A. Brandes e Brandis.

SAHIDOS NO MESMO DIA

RIO DE JANEIRO; Brigue Nac. Bom Jesus, Cap. João da Silva, carga vinho, e assucar, passageiro 1.

DITO; Escuna Nac. Andorinha M. Ancelmo Marques Vieira, carga assucar, e agoa-ardente, passageiro um.

OBSERVAÇOENS.

No dia 20 sahio para acabar de carregar no lameirão a Barca Ingleza Izabella.

RECIFE NA TYP. DE M. F. DE F. — 1840